

## Sociologia do Esporte: do iluminismo ao romantismo

Hugo LOVISOLO  
Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil

1) Partirei de um axioma que espero seja aceito: a sociologia dominante na América Latina, e particularmente no Brasil, foi coletivista e iluminista. Ambas as características dominaram o discurso crítico da sociologia sobre o esporte e o lazer, embora com maior força no campo esportivo. Entendo por coletivismo a aceitação que a realidade social tem um nível de organização autônomo e superior à ação dos indivíduos. Assim, o coletivo domina sobre o indivíduo, as condições da ação sobre a própria ação, as circunstâncias determinantes sobre o agir e por isso dizia Ortega “se não modificar as circunstâncias não poderei me modificar”. Portanto, as representações coletivas não se explicariam pelas construções individuais em sua circulação e agregação interativa. No coletivismo, o todo domina e deve se impor sobre as partes, isto é, sobre os indivíduos que, de fato, são formados enquanto tais pela própria sociedade. Apenas quando o processo de formação fracassa, por motivos diversos, teríamos a divergência, a anomia, enfim, a rejeição à introdução do coletivo no interno de nossos “eus”. A temática da socialização, mecanismo central para a sociologia coletivista especialmente no campo da educação, é dominante na sociologia coletivista. A figura do quebrador da norma social, cultural ou legalmente aceita, quanto à emergência do novo, do inovador, do revolucionário, apenas faria sentido supondo o fracasso ou erro no processo de socialização. Neste caso, então, como na teoria da evolução, é o erro que determina a mudança. Estou aqui apenas relatando o “beabá” do coletivismo da escola sociológica francesa que, como sabemos, não se colocou de forma sistemática o problema da inovação, do agir divergente ou revolucionário. Na visão coletivista os indivíduos são tratados como iguais em termos de natureza, mais ainda, como uma tabula rasa, pois, é esta visão que permite tanto afirmar o poder da socialização quanto reconhecer que as diferenças existentes são meramente sociais, reduzíveis à dinâmica da sociedade sem vínculo com a dinâmica das diferenças individuais. O problema é que um Ronaldinho Gaúcho não se explica pelas diferenças sociais e emerge, então, o paradoxo de que o representante da essência do futebol nacional surge onde se supõe que menos dominam suas características, nas terras gaúchas. Não raro, diante do dado discordante, o coletivista inclui o talento cultural que não sabemos como se materializa em atletas específicos. Observo, que a natureza com suas diferenças pode ser re-introduzida para explicar o gênio da bola ou da raquete ou do salto.

2) Creio que sobre a idéia coletivista montamos o iluminismo da crítica. Embora a ordem coletiva continue presente com sua onipotência, passamos a entendê-la como resultado do uso da

força e dos recursos ideológicos dos que mandam ou dos poderosos, dos dominantes, dos opressores. Os dominados ou oprimidos estariam socializados e condenados pela falsa consciência obtida das representações coletivas formuladas pelos dominadores em benefício próprio. Seria necessário um processo de conscientização ou desalienação para mudar a ordem. A ciência social, sobretudo o marxismo, seria vista como a força externa que poderia mudar a ordem mediante o exercício da crítica e da ação coletiva por ela orientada. Em outras palavras, seria necessário substituir a hegemonia burguesa por outra. Entretanto, essa nova força seria produto da ruptura teórica gerada pela ciência, certamente uma força exógena às classes estruturais da sociedade: exploradores e explorados. Daí decorre o paradoxo dos intelectuais: como é possível que sendo externos ou marginais às relações de classes sociais gerem a verdade que deveria transformá-las?

3) Minhas próprias leituras de sociologia do esporte até os anos oitenta estavam dominadas pelo coletivismo e pelo iluminismo crítico. Até a década dos anos oitenta, grosso modo, dominava entre nós uma perspectiva crítica, influenciada pelo marxismo e também pela Escola de Frankfurt que, trocando em miúdos, considerava o futebol um mecanismo de dominação. Se a religião foi vista como ópio dos povos, o esporte podia ser pensado como circo romano, como uma poderosa força de alienação dos dominados, de distanciamento, portanto, de seus verdadeiros interesses emancipatórios. Os esportes eram compreendidos, então, a partir das relações sociais de produção e poder, isto é, da dinâmica das classes sociais, com duas noções-chaves profundamente relacionadas: alienação e controle. O ditado mais alto, mais forte e mais rápido era visto como exemplo privilegiado do controle, da disciplina, da alienação. O esporte espetacular, e especialmente o futebol, era considerado como formando parte da ordem coletiva dominadora. Em outros termos, era alienador e funcional para a ordem, pois tirava as pessoas de seus verdadeiros objetivos libertadores, mediante a dedicação, como espectadores ou como praticantes. A crítica do esporte se inseria na crítica do consumo e do espetáculo que, por sua vez, se inseriam na crítica da reprodução ampliada do capital e das ideologias que a sustentavam. É inútil aqui destacar o peso destas construções do pensamento francês, operando com a tradição de Durkheim; do marxismo e das tradições críticas.

4) Contudo, existe um “porém”: o entusiasmo dos populares pelo esporte e, poderíamos agregar, pelo consumo do espetáculo era e ainda é enorme. Alguns iluministas críticos fechavam os

olhos diante do quadro dos oprimidos dedicando-se com entusiasmo ao esporte, quer como praticantes, quer como espectadores. De fato, o entusiasmo podia ser visto como alienação extrema. Pensavam e propunham atividades alternativas, intelectuais ou artísticas. O Teatro dos Oprimidos, por exemplo. Outros, de olhos mais abertos, propunham práticas esportivas não alienadas ao capital, ao mercado, ao lucro. Queriam respeitar a emoção pelo esporte e, então, havia que se gerar um esporte diferente. Assim, o esporte vinculado ao sindicato, ao partido ou aos grupos de bases ou comunitários foi um resultado natural. Os proponentes de atividades alternativas criticavam com virulência e freqüência, e creio que ainda criticam, a não atividade, a passividade e a falta de criatividade da participação enquanto mero espectador. Apoiavam o ator contra o espectador, a participação contra a mera fruição do espetáculo. A várzea contra a telinha da televisão.

5) Creio que a partir dos anos oitenta a lente romântica começou a orientar as observações, embora ainda conservando a visão coletivista. Nos últimos 30 anos a sociologia do esporte, e principalmente do futebol, o esporte dominante na América Latina, passou por três viradas centrais na argumentação: do fundamento no interesse para o da identidade, da função da alienação para a da expressão da autenticidade e da avaliação moral negativa para a positiva. Os três deslocamentos aparecem estreitamente relacionados com a mudança epistemológica na posição do observador: do exterior para o interior, do distanciamento para o engajamento. De modo geral, o esporte passou a ser considerado como arte, embora com o qualificativo de popular, pois se inscreve no campo da cultura e de suas manifestações, abandonando a temática da estrutura social ou das classes sociais, privilegiada pela ciência social influenciada pelo coletivismo e o iluminismo marxista. Ao invés de alienação e controle, as palavras chaves passaram a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz. A importância que ganhou a discussão dos estilos nacionais aparece como exemplar metonímico do conjunto das mudanças. O futebol passou a ser exaltado por popular, participativo e enquanto expressão autêntica da cultura ou ser nacional. Creio que os críticos do futebol crescentemente se inspiraram nos críticos ou comentaristas das artes eruditas. Segundo este modelo, os críticos devem manifestar sua paixão e sentimentos positivos pela arte, embora possam ser negativos diante de obras ou realizações particulares. Amar o cinema não impede exercitar a crítica demolidora diante de algumas de suas produções. Da mesma forma, temos que mostrar que amamos o futebol para comentá-lo e a partir desse engajamento emocional podemos criticar desde suas formas de organização até jogos e ações específicas. Contudo, podemos fazer isso, a crítica, porque amamos a Arte ou o Futebol e porque deixamos de considerá-lo como ópio ou circo. Assim, aquilo que os torcedores, jornalistas esportivos e críticos de artes têm em comum é a emoção positiva em relação ao objeto. E isto significa que mediante a emoção se

situam na perspectiva dos de dentro, do pertencimento ao campo de significados das obras que analisam. A epistemologia que professam afirma que apenas se pode falar desde dentro. Acreditam que a perspectiva dos de dentro, dos que amam ou gostam, é superior àquela dos de fora, os distanciados ou indiferentes. Temos, assim, uma reviravolta na relação com o modelo anterior, iluminista, que valorizava o distanciamento do olhar da razão ou da ciência e no qual as emoções ou não “apareciam” ou eram simplesmente negativas. Os que falam desde dentro do esporte, e que se consideram críticos do esporte que “está aí”, postulam frequentemente reformas para seu aperfeiçoamento. Um exemplo notório é a crítica à mercantilização do esporte ou perda de uma condição originária, geralmente pura, pelo domínio da exploração capitalista. Essa crítica já estava na famosa obra romântica de Huizinga, *Homo ludens*. Há na visão romântica a possibilidade de se valorizar o espetáculo e o espectador, pois, ele também teria seu lado original na recriação da obra de arte, na interpretação do gesto esportivos.

6) Contudo, surge uma questão importante: como demarcar hoje a separação entre o iluminismo crítico e o romantismo também crítico do esporte? Creio que o eixo divisor das águas passa pelo lugar dado à competição. Para os iluministas críticos a competição seria um mal que deveria ser erradicado. Para os românticos a competição forma parte do esporte, entretanto, seria necessário controlar as formas de seu exercício para que não se tornasse objeto da crítica. Um exemplo é o dos professores de educação física críticos do sistema do esporte do rendimento que amam o esporte e pretendem reformá-lo para que perda seu caráter comercial, **competitivo impuro** ou degradado. Porém, algumas de suas propostas sobre o esporte modificam tanto seus aspectos centrais que dificilmente concordaríamos em chamar os resultados de esporte. De fato, e mesmo nos jogos propostos como cooperativos ou formadores de valores solidários a competição permanece presente, embora no plano das sombras. As experiências reais parecem indicar que há um núcleo duro do esporte, e mesmo do jogo, que não pode ser modificado. Se abrirmos a página do Ministério dos Esportes, poderemos ver que o programa de apoio ao esporte competitivo convive com outro que se denomina como esporte prazer, participativo ou não competitivo. Nesta segunda proposta o romantismo pretende recuperar as condições e o modo de ser do esporte. Por vezes, o mesmo romantismo se expressa na louvação de um passado de campos de várzeas e da prática de um futebol ainda não dominado pelo mundo dos negócios e do espetáculo, pela mercantilização e o consumismo.

7) Tanto o iluminismo crítico quanto o romantismo crítico, a partir do coletivismo, podem sentir que representam posições progressistas no campo do esporte e do lazer. No Brasil, como é sabido, é difícil que grupos organizados assumam posições ditas não progressistas. Assim, por exemplo, é impossível que o racismo se institucionalize, que os sexistas defendam seus pontos de vista, que existam instituições fortes de defesa e propagação

do liberalismo ou do neoliberalismo, que existam partidos que se definam como conservadores, que existam movimentos ou instituições pró Estados Unidos, que se defenda a Universidade Pública paga ou que se afirme que a procura da beleza é um objetivo tão válido quanto o da capacitação ou a saúde. Digamos que o ponto de vista conservador não parece contar com representantes institucionais no Brasil, embora a disposição conservadora apareça com frequência significativa nas pesquisas de opinião ou de hábitos cotidianos.

8) Creio que no campo das ciências sociais os enfoques metodológicos ditos individualistas são vistos como conservadores e, talvez por essa razão, estão baixamente incorporados nas propostas explícitas de grupos de pesquisa em ciências sociais ou humanas, especialmente na área dos esportes. Creio que um ponto específico me permitirá explicitar melhor o que estou argumentando. Para um enfoque individualista as diferenças naturais existem e não podemos

considerar que os indivíduos são uma tabula rasa. Os programas para escolher talentos esportivos, por exemplo, estão formatados pela visão individualista: há diferenças genéticas, fisiológicas, neurofisiológicas e morfológicas, que possuem graus variados de adaptação às modalidades esportivas. Este enfoque, explícita ou implicitamente, deve incorporar alguma versão da teoria da evolução. A competição selecionaria as características adaptativas preferências para cada esporte e que serão desenvolvidas ou reforçadas pelo processo de treinamento.

9) Posso agora formular minha hipótese para a tensão: se não conseguirmos conciliar, embora de forma precária, o coletivismo culturalista das ciências sociais com o enfoque individualista das ciências da natureza a cooperação apenas será um sonho e, na prática, continuaremos desacreditando o que se faz no outro campo. Creio que a tarefa mais pesada é a das ciências sociais ou humanas: deverão abandonar o peso excessivo da redução cultural ou sociológico e abrir seu campo de hipóteses par a redução biológica.

## Referências

- ALABARCES, P. (Comp.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: Ed. CLACSO-ASDI, 2000.
- CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **Em busca da excitação**. São Paulo: Difel, 1995.
- ENZENSBERGER, H.M. **Mediocridad y delirio**. Barcelona: Anagrama, 1991.
- GALEANO, E. **El futebol a sol y sombra**. Madrid: S. XXI, 1995.
- GOMBRICH, E.H. **Tributos**. México: Ed. FCE, 1991.
- HELAL, R. **Passe e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HELAL R.; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**. Rio de Janeiro: Maud, 2001.
- KOWALSKI, M. **Porque Flamengo**. 2001. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.
- LEPENIES, W. **Las tres culturas: la sociología entre a literatura y la ciencia**. México: FCE, 1994.
- LOVISOLO, H. **Educação popular: maioridade e conciliação**. Salvador: OEA-UFBA-EGBA, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Estética, esporte e educação física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Atividade física, educação e saúde** Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- MANDELL, R. **Sport a cultural history**. New York: Colombia Univesity Press, 1984.
- SEBRELLI, J.J. **Futbol y masas**. Buenos Aires: Galerna, 1981.
- \_\_\_\_\_. **La era del futbol**. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.
- SOARES, A.J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**. 1998. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. História e invenção de tradições no campo do futebol. **Estudos Históricos**, v.13, n.25, p.119-46, 1999.
- SOARES, J.A.; LOVISOLO, H. Futebol é fogo de palha, a profecia de Graciliano Ramos. In: HELAL R.; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**. Rio de Janeiro: Maud, 2001.